

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26\$000 e 13\$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

DR. JOÃO BAPTISTA CAPELLI	Amarante.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
MYRRHA	Adelino Fontoura.
A «DONA BRANCA»	Arthur Azevedo.
ACTUALIDADES	Gavroche.
NOSTALGIA DE SATANAZ	Cunha Mendes.
LE BRAV'AMIRAL	Fantasio.
DE PALANQUE	Eloy, o heróe.
MARINHA	Ortigão Sampaio.
TRIBUTOS E CRENÇAS	X.
UM PLEBISCITO LITTERARIO	Cosimo.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

ARTHUR NAPOLEÃO

DR. JOÃO BAPTISTA CAPELLI

O Dr. Miguel Archanjo Capelli, pae do nosso biographado, é um italiano que, tendo-se envolvido na revolução garibaldina, foi obrigado a expatriar-se em 1858. Veio para o Brasil com toda a sua familia, e fixou residencia na localidade denominada Carmo do Rio-Verde, no municipio de Baependy, em Minas Geraes. Ahi nasceu João Baptista Capelli aos 2 de Agosto de 1860.

Fez os seus primeiros estudos no famoso Collegio do Caraça, e, depois de prestar brilhantes exames de todos os preparatorios, matriculou-se, em 1878, na Faculdade de Medicina d'esta capital, formando-se em 1884, á custa de muito esforço e muito sacrificio. Não tinha mezada; para subsistir, leccionava historia no Atheneu Fluminense, collegio de que fôra alumno e onde deixára nome.

Por occasião da collacção do grão, nomearam-no «orador do anno», o que prova a estima e consideração em que era tido por todos os seus collegas. A sua these inaugural foi approvada com distincção.

Durante o curso collaborára assiduamente em diversos periodicos academicos, quer litterarios, quer

scientificos: *Revista dos hospitaes*, *Revista academica*, *Tribuna academica*, a *Nebulosa*, etc. Foi muitas vezes applaudido como orador do Gymnasio Academico, associação que n'aquelle tempo reunia as primeiras intelligencias da Escola. Distinguiu-se igualmente em muitas conferencias abolicionistas. A grande causa da redempção dos captivos teve n'elle um valoroso soldado.

Saudoso do seu torrão natal, o Dr. Capelli, logo depois de formado, partio para Minas, e estabeleceu-se na cidade de Pouso-Alto, onde desde logo grangeou a reputação de bom medico e medico bom.

Sem decurar os deveres de sua profissão, fundou e dirigio alli uma folha, o *XI Districto*, que foi um dos jornaes mais bem feitos da grande zona mineira.

Mas o Dr. Capelli não era homem que se deixasse asphixiar n'uma cidadezinha de provincia: voltou a esta capital, e bem lhe houve, porque em pouco tempo se tornou um dos nossos medicos mais populares. A freguezia de Sant'Anna, onde reside e na qual é considerado o medico da pobreza, elegeu-o intendente municipal.

No conselho da Intendencia têm o Dr. Capelli revelado grandes conhecimentos e acurado estudo das materias sujeitas ao seu exame. Na grande questão do ensino municipal, foi um dos que mais brilhantemente glozaram o assumpto, apresentando um projecto que era uma prova eloquente da sua competencia pedagogica.

Democrata sincero, o nosso biographado mostra que lhe ferve nas veias o sangue de um garibaldino. E' um verdadeiro representante do povo.

Dotado de grande vocação litteraria, naturalmente contrariada pela profissão que abraçou, o Dr. Capelli inserio na imprensa d'esta capital e nas de Minas e S. Paulo apreciadas poesias e magnificos artigos, de entre os quaes destacaremos uma serie intitulada *Estudo sobre a litteratura contemporanea*. Tem na pasta varios trabalhos ineditos que o poeta produz e o medico esconde: um *Poema intimo*, uma colleção de *Settas*, poesias satyricas, e uma enfiada de sonetos lyricos.

Levaremos mais longe a nossa indiscrição, revelando que o Dr. Capelli collaborou na *Princesa Estrella d'Alva*, magica representada na Phenix em 1878. Figuraram como co-autores d'esse trabalho apenas o dentista Monteiro de Noronha e o popular actor Vasques, ambos já fallecidos. O collaborador de desoito annos deixou-se ficar na sombra.

O medico vingou-se do poeta escrevendo e publicando um importante *Estudo critico sobre a alimentação nas primeiras edades*, e tem quasi prompta uma obra de folego, *Therapeutica positiva*, que está destinada a um grande successo entre os profissionaes.

Terminaremos dizendo que o sympathico Dr. João Baptista Capelli, além de ser um talento de primeira agua e um espirito bem orientado, é a delicadeza que se fez homem. Da sua caridade já fallámos, embora muito por alto, e não insistimos; mas este artigo seria incompleto sem uma referencia á sua modestia, uma modestia feroz, terrivel, que o leva para a sombra como no tempo em que collaborou na magica da Phenix.

AMARANTE.

CHRONICA FLUMINENSE

Hoje, sabbado, 7 de Outubro, estamos na mesma com relação á revolta.

Cruzam-se em todos os sentidos os mais inquietadores boatos... Dizem que se preparam grandes sorpresas... Que mais nos reservará essa nefanda aventura do Sr. Custodio de Mello?

*

Uma grande novidade é a presença do Sr. Ruy Barbosa a bordo do *Aquidabán*.

Se isso é verdade, palpita-nos que algum dia perguntaremos como Geronte: *Que diable allait il faire dans cette galère?*

Esperemos os acontecimentos...

*

Morreu B. L. Garnier, o velho editor do Instituto Historico, o famoso livreiro da rua do Ouvidor, um judeu trabalhador e honrado, que tinha todos os defeitos e todas as virtudes de sua raça, e era uma das physionomias mais curiosas e mais caracteristicas do nosso meio.

Estabeleceram-se n'esta cidade ha uns cincoenta annos. Era millionario, dizem, e não consta que jamais desse uma esmola. O seu nome nunca

figurou n'uma obra de philantropia. Mas é de justiça dizer que não gastava comsigo o dinheiro que negava aos pobres. Não gozou. Os seus herdeiros talvez tenham outra opinião sobre a utilidade dos contos de réis...

Editava tudo, a torto e a direito, e n'esse eclectismo está talvez o segredo de sua fortuna. Julio Verne, mais que nenhum outro escriptor, contribuiu para enriquecel-o... sem o saber.

Diz a imprensa que elle prestou relevantes serviços á nossa litteratura. Effectivamente, o Imperador condecorou-o por esse motivo e nos catalogos da sua livraria figuravam alguns dos primeiros nomes das nossas letras. Mas a verdade é que elle só acolhia de braços abertos os escriptores que lhe entravam em casa com reputação feita, e ainda a estes pagava sabe Deus como. Não tirou nenhum nome da sombra, não estendeu a mão a nenhum talento desconhecido. Quando algum moço obscuro o procurava, ouvia: « Cresça e appareça ». Se o pobre diabo realmente crescesse e apparecesse, poderia contar com o editor.

*

Trabalhador e honrado foi tambem o pobre Laurent De Wilde, pintor belga, que era ha muitos annos estabelecido com loja de objectos para pintura e desenho á rua Sete de Setembro, na mesma casa que hoje conserva n'uma das portas o vestigio da celebre granada que ha dias matou o Dr. Lomelino Drumonde e uma senhora.

De Wilde era um grande amigo de alguns dos nossos pintores, a quem facilitava os meios de aquisição dos petrechos necessarios ao exercicio de sua arte. Em sua casa, n'uma sala convenientemente preparada para esse fim, muitos artistas expozeram os seus trabalhos... e os venderam.

Como pintor, deixa De Wilde, que eu saiba, a decoração do tecto do theatro S. Pedro, trabalho feito de collaboração com Thomaz Driendl, pintor de muito merito, que infelizmente abandonou a sua arte para se fazer empreiteiro das obras da Cathedral. Não creio que esse tecto leve nenhum dos dous artistas á posteridade.

A.

A' numerosa lista dos jornaes e periodicos offerecidos quotidianamente á redacção do *Album*, temos que acrescentar a *Cidade de Jahú*, folha popular, dirigida pelo Srs. João F. Teixeira; o *Lutador*, do Descalvado, propriedade de uma associação; o *Contemporaneo*, organo republicano, que reapareceu agora em Sabará (Minas), e do qual são redactores os Srs. Luiz Cassiano Junior e Candido de Araujo; a *Patria Mineira*, de S. João d'Elrey, e o *Friburguense*, folha litteraria, recreativa e noticiosa de Nova Friburgo, redigida pelo Sr. J. A. de Sousa Cardoso.

MYRRHA

A LUIZ MURAT

Nossa vida ao meu intimo suggere
O episodio da pagina dantesca ;
E's a dolente e pallida Francesca
Que os seus cantos de amor, triste, desfere.

Possues, como a heroina de Alighiere,
Uma altiva belleza principesca ;
E's nervosa, vibrante e romanesca,
E só te falta um pouco o *savoir faire*...

Por isso, ao ver-te a sós, contemplativa,
O Dante aberto ao collo, scismativa,
Nos profundos crepusculos da tarde,

Eu sinto que me enlaça este dilemma :
— Ou plagiar o magico poema,
Ou morrer a teus pés como um cobarde !

ADELINO FONTOURA.

A «DONA BRANCA»

A DELGADO DE CARVALHO JUNIOR

No dia 6 de Outubro de 1891, quando o senhor Vieira, ás sete horas da manhan, poz o chapéo para sahir, dona Catharina, sua esposa, disse, con-certando-lhe o laço da gravata :

— Sabes de uma coisa ? Mana Adelaide mandou convidar-me para ir hoje com ella ao Lyrico.

— Que ideia !

— Ahi vens tu ! Vae-se embora a companhia e eu não assisto a um unico espectáculo, podendo ouvir a *Dona Branca* de graça !

— Mas, filha, não te lembrás que dia é hoje ?

— E' terça-feira.

— E então ?

— E então ?

— Pois não sabes que ás terças-feiras eu não dispenso o meu voltaretinho em casa do compadre ?

— Quem te diz que não vás ao teu voltaretinho ? Mana Adelaide conhece os teus habitos e as tuas impertinencias ; foi a mim e não a ti que ella convidou.

— Mas...

— Olha, eu vou jantar com ella nas Laranjeiras e de lá vamos juntas para o theatro ; acabado o espectáculo, ella traz-me no seu carro, e deixa-me ficar em casa. Não gastas um vintem, nem te incommódas.

— Bem sei, mas não é bonito uma senhora casada ir ao theatro sem seu marido.

— Mas com sua irman... e com o marido de sua irman...

— Bom, bom, vae ; não quero que me chamem desmancha-prazeres. Jantarei sosinho.

*

O senhor Vieira sahio, foi tratar da vida, e quando, ás quatro horas, voltou á casa, já dona Catharina tinha ido ter com a irman.

O pobre homem ficou muito aborrecido n'aquella solidão. Toda a sua familia era essa bella senhora com quem se casára em 1885 e era dez annos mais nova que elle.

Tinha quarenta e quatro annos o senhor Vieira, e intelligencia bastante para perceber que dona Catharina não o amava ; entretanto, elle contentava-se da respeitosa amisade com que ella se impunha serenamente á sua estima, e preferia mesmo esse discreto sentimento ao amor desordenado e doentio, que produz ciumes e dyspepsias, máos humores e lesões cardiacas. Depositava uma confiança cega em sua mulher e estimava-a devéras. Sentia-se feliz.

Mais feliz seria, entretanto, se houvesse uma criança n'aquella casa. Dona Catharina soffria por vezes longos accessos de melancolia ; algumas noites deixava o esposo sosinho na larga cama de casados, e ia revolver-se n'um sofá, suspirando, irrequieta, nervosa, sem poder dormir. Mas esses phenomenos eram passageiros, e o marido attribuia-os á ausencia da prole.

— Decididamente, falta uma criança n'esta casa.

*

Depois d'aquelle jantar de solteirão, o senhor Vieira dormio a sesta, e ás sete horas foi para casa do compadre, em São Christovam. O senhor Vieira morava no Cattete.

— Bravos ! cá está o homem ! exclamou o compadre e exclamaram mais dous amigos da vizinhança, que se achavam á espera do parceiro. Vamos ao vicio !

Os quattros companheiros sentaram-se ás oito horas, e jogaram até perto da meia noite. O senhor Vieira ganhou desenove mil e quinhentos. Nunca estivera com tanta sorte.

*

A' meia noite, depois do chá com torradas, o nosso homem sahio, e foi esperar o bonde na esquina. Passados uns vinte minutos, appareceu um bonde, mas em sentido contrario, e parou para fazer saltar o Lamenha, que era visinho paredes meias do compadre.

— Olá ! a estas horas, seu Lamenha ? perguntou o senhor Vieira. Já sei que vem do Lyrico ; foi ouvir a *Dona Branca*.

— Ora deixe-me com a *Dona Branca* ! Se soubesse...

— Então não é boa a opera ?

— Não sei; o espectáculo não passou do começo!

— Ora essa! Porque?

— No fim do primeiro acto o publico das torrinhas chamou á scena o empresario para ferrar-lhe uma pateada, não sei porque motivo. O empresario não quiz vir. O publico zangou-se. A policia interveio, e agora é que são ellas! Ah, seu Vieira, que rolo!...

— Devéras? perguntou o outro empallidecendo.

— Os soldados de policia acutilavam a torto e a direito, os bancos voavam, os globos dos candieiros partiam-se, as familias separavam-se n'uma confusão medonha, as senhoras tinham chiliques e soltavam gritos...

— As senhoras?... Meu Deus!... e a minha!...

— Ha muita gente ferida, e não será para admirar que houvesse mortes! Eu escapei por milagre!...

— E minha mulher que foi a esse espectáculo!...

— Sua senhora? Não a vi. Só vi sua cunhada, a dona Adelaide, no corredor, sosinha, correndo e gritando que parecia uma louca!

— Pois estavam juntas!... Felizmente ahi vem o bonde... Quem sabe se não vou encontrar a morta? Eu bem não queria que ella fosse á tal *Dona Branca*! Ora esta!...

E o senhor Vieira tomou o bonde, sem mesmo se despedir do Lamenha.

*

Imaginem o desasocego com que o pobre diabo fez a viagem de São Christovam ao largo de São Francisco. Ahi tomou um tilbury. O cocheiro confirmou a informação do Lamenha, accrescentando que tinham morrido duas senhoras, sendo uma de susto.

Ao passar pela Guarda Velha, o senhor Vieira notou que o Lyrico estava immerso nas trevas e no silencio. Chegou á casa, e expectorou um grande suspiro de allivio ao entrar na alcova: dona Catharina dormia tranquillamente, envolvida no seu lençol.

O marido despio-se em silencio e deitou-se ao lado da senhora.

Ella despertou:

— Ah! és tu?

Elle, completamente serenado, resolveu gracejar, e perguntou-lhe, sorrindo:

— Então, minha senhora, que me diz da *Dona Branca*?

— E' uma opera muito bonita.

— Heim?

— O ultimo acto principalmente, accrescentou dona Catharina com muita convicção.

O senhor Vieira sentio o sangue subir-lhe á cabeça, mas conseguiu dissimular, e perguntou se a opera tinha sido bem cantada.

— Perfeitamente cantada, respondeu ella, mentindo como só certas mulheres sabem mentir.

— E não houve novidade durante o espectáculo?

— Nenhuma. O Gabrieleesco esteve sublime!

— O Gabrieleesco? No ultimo acto?

— Em todos os actos. E' um tenorão!

— Está bem.

O senhor Vieira apagou a vela e fingio que se aninhava para dormir.

— Ahi está você amuado! Eu por seu gosto não sahia de casa, não me divertia, vivia mettida entre quatro paredes! Que homem!...

Elle resmungou uns sons inarticulados; não respondeu.

*

— Será possível que o Lamenha me enganasse? pensava o marido. Não; — e o cocheiro do tilbury?...

O senhor Vieira passou, talvez pela primeira vez em sua vida, um noite completamente em claro. Ergueu-se logo ao amanhecer, sahio, convenceu-se de uma verdade terrivel, e n'esse mesmo dia separou-se para sempre de dona Catharina.

*

Na terça-feira seguinte, o senhor Vieira não fallou ao voltaretinho do compadre.

Quando este lhe perguntou: — Então?... que foi isto?... a comadre...? — elle respondeu melancolicamente:

— A comadre ouvia-me dizer que em nossa casa faltava uma criança, e quiz arranjar-a fóra... Deixal-a! — Vamos ao vicio!

N'essa noite perdeu quinze mil e oitocentos.

ARTHUR AZEVEDO.

ACTUALIDADES

II

Depois do dia 6 do mez passado,
Nunca mais pude ver a minha bella,
E a furto, á noite, conversar com ella,
Prazer a que já estava acostumado!

Ha quasi um mez, em furias abrasado,
Não vejo porta aberta nem janella
Na casinhola em que morava aquella
Que hoje dirige as redeas ao meu fado!

Ella, a mãe e as irmans foram fugindo
Para a roça, com medo ao bombardeio,
Que põe no povo inteiro um susto infindo...

Soffre o meu peito, expande-se o meu odio!
Que transtorno, ai, Jesus, causar-me veio
A maluquice do senhor Custodio!..

GAVROCHE.



Phototypia J. Gutierrez.

DR. JOÃO BAPTISTA CAPELLI

NOSTALGIA DE SATANAZ

Tardes tristes, crepuscularmente desmaiadas de intimas saudades, essas em que a melancolia adormece na doce paz serena dos céos silenciosos.

Tarde mais triste ainda esta em que uma plumbea felpa de pesada nuvem, desgarrada na abobada infinita, arrastada para a linha do horizonte, fazia pensar n'um proximo bramir de rabidos temporaes, n'um rugir procelloso de tempestades furiosas.

E, n'esta endolorida tarde, enquanto me perdia nos mysteriosos mundos da phantasia, fóra dos mais léves bulícios terreos, completamente aljojado ás intimas sensações, é que me apparece o angelico Satanaz, trazendo nos labios o tristissimo dos seus piedosos sorrisos, a amarissima das contracções dolorosas de sua delicada bocca!

Que era saudoso o seu olhar dolente!

Nas pupillas desmaiadas como que se esbatia a infundavel desventura que ha nos olhares de uma tuberculosa: era um olhar amargo como o suspiro de um expatriado; triste como um abraço de despedida e communicativo como um ai de socorro.

E Satanaz entregou-se ás scismas dolorosas: recordava-se agora das visões diaphanas, translucidas, de mimosos cherubins; dos singellos e puros archanjos; dos louros anjos delicados; de tantas suavissimas visões...

Recordava-se dos bellos dias passados na mystica bemaventurança das paragens celestes; tinha saudades do céu; lembrava-se das ineffaveis delicias que ha no paraiso; almejava voltar para as eternas regiões de que fóra expulso, para a moradia santificada em que elle tantas vezes se expandira n'uma felicidade ampla, vasta, indizivel!

Scismava...

Vinham-lhe ao coração as grandes nostalgias, as grandes saudades dos céos...

Não! Elle jamais se revoltaria contra o Creador: ambicionava escutar as lyras celestiaes, os louvores divinos, tão magicos em sua religiosa simplicidade e tão expressivos em seus votos de eterna submissão...

Scismava...

Já uma luminosa lagrima brilhava em seus olhos amargurados, já o pranto rebentava impetuoso, quando o tristissimo Satanaz, lançando ao céu um supremo olhar de escarneo e desprezo, sahio arrastado por uns olores raros, exclamando em extasis:

— Ha anjos na terra!

*

E' que n'esse momento, ó bella, passavas, pateando um pedaço de tua perna gloriosa!

CUNHA MENDES.

Readquiriram certa actualidade os seguintes couplets, escriptos por um dos nossos primeiros poetas e publicados ha tempo no *Combate*:

LE BRAV'AMIRAL

(Musica: *En r'venant de la r'vue*)

I

Antes do 15 de Novembro
Era Custodio um capitão
Que andava lá, se bem me lembro,
A passear pelo Japão.
Mas de repente, um bello dia,
Se desmorona a monarchia,
Vem nova gente e nova grey,
Manda-se á fava o reino e o rei!
E o Custodinho vem,
Vem adherir tambem;
Mas o maior dos generaes
Do capitão caso não faz;
E *le brav'amiral*
Pela causa legal
Arma a revolução
Encouraçado em papelão!
Conspirador
Começa com temor
E acaba com furor
Valente e bello!
E foi assim
Que, tim tim por tim tim,
Subio ao trampolim
Custodio Mello!

II

Foi para o Hospicio fazer ninho,
Entre os malucos se occultar;
Onde é que o bravo Custodinho
Logar melhor podia achar?
Quando rebentou o levante,
Com voz de Jupiter Tonante
A 23 pela manhan
Clamou no Hospicio: Aqui... daban!
Logo a reboque vem,
Vem batalhar tambem,
Mas o navio o capitão
Mette encalhado na Armação!
Puxa de cá, de lá,
Preso o navio está,
Graças a *l'amiral*
De uma bravura sem igual!
E o *Aquidaban*
Logo pela manhan
Dispara um tiro... pan!
Que tiro bello!
Vence afinal
A revolta legal!
Viv' *le brav'amiral*
Custodio Mello!

III

Lucrou com isso a lavadeira
Pelas ceroulas que lavou...
Batalhar não é brincadeira
Como o Custodio batalhou!
A Candelaria foi ferida,
Porém o heróe sahio com vida,
E diz-lhe o irmão a soluçar:
— Ai, mano, vamos almoçar.
E o Custodinho vem,
Vem almoçar tambem;

NOSTALGIA DE SATANAZ

Tardes tristes, crepuscularmente desmaiadas de intimas saudades, essas em que a melancolia adormece na doce paz serena dos céos silenciosos.

Tarde mais triste ainda esta em que uma plumbea felpa de pesada nuvem, desgarrada na abobada infinita, arrastada para a linha do horisonte, fazia pensar n'um proximo bramir de rabidos temporaes, n'um rugir procelloso de tempestades furiosas.

E, n'esta endolorida tarde, emquanto me perdia nos mysteriosos mundos da phantasia, fóra dos mais leves bulicios terreos, completamente aljojado ás intimas sensações, é que me apparece o angelico Satanaz, trazendo nos labios o tristissimo dos seus piedosos sorrisos, a amarissima das contracções dolorosas de sua delicada bocca!

Que era saudoso o seu olhar dolente!

Nas pupillas desmaiadas como que se esbatia a infundavel desventura que ha nos olhares de uma tuberculosa: era um olhar amargo como o suspiro de um expatriado; triste como um abraço de despedida e communicativo como um ai de soccorro.

E Satanaz entregou-se ás scismas dolorosas: recordava-se agora das visões diaphanas, translucidas, de mimosos cherubins; dos singellos e puros archanjos; dos louros anjos delicados; de tantas suavissimas visões...

Recordava-se dos bellos dias passados na mystica bemaventurança das paragens celestes; tinha saudades do céu; lembrava-se das ineffaveis delicias que ha no paraiso; almejava voltar para as eternas regiões de que fóra expulso, para a moradia santificada em que elle tantas vezes se expandira n'uma felicidade ampla, vasta, indizivel!

Scismava...

Vinham-lhe ao coração as grandes nostalgias, as grandes saudades dos céos...

Não! Elle jamais se revoltaria contra o Creador: ambicionava escutar as lyras celestias, os louvores divinos, tão magicos em sua religiosa simplicidade e tão expressivos em seus votos de eterna submissão...

Scismava...

Já uma luminosa lagrima brilhava em seus olhos amargurados, já o pranto rebentava impetuoso, quando o tristissimo Satanaz, lançando ao céu um supremo olhar de escarneo e desprezo, sahio arrastado por uns olores raros, exclamando em extasis:

— Ha anjos na terra!

*

E' que n'esse momento, ó bella, passavas, patenteando um pedaço de tua perna gloriosa!

CUNHA MENDES.

Readquiriram certa actualidade os seguintes *couplets*, escriptos por um dos nossos primeiros poetas e publicados ha tempo no *Combate*:

LE BRAV'AMIRAL

(Musica: *En r'venant de la r'vue*)

I

Antes do 15 de Novembro
Era Custodio um capitão
Que andava lá, se bem me lembro,
A passear pelo Japão.
Mas de repente, um bello dia,
Se desmorona a monarchia,
Vem nova gente e nova grey,
Manda-se á fava o reino e o rei!
E o Custodinho vem,
Vem adherir tambem;
Mas o maior dos generaes
Do capitão caso não faz;
E *le brav'amiral*
Pela causa legal
Arma a revolução
Encouraçado em papelão!
Conspirador
Começa com temor
E acaba com furor
Valente e bello!
E foi assim
Que, tim tim por tim tim,
Subio ao trampolim
Custodio Mello!

II

Foi para o Hospicio fazer ninho,
Entre os malucos se occultar;
Onde é que o bravo Custodinho
Logar melhor podia achar?
Quando rebentou o levante,
Com voz de Jupiter Tonante
A 23 pela manhan
Clamou no Hospicio: Aqui... daban!
Logo a reboque vem,
Vem batalhar tambem,
Mas o navio o capitão
Mette enalhado na Armação!
Puxa de cá, de lá,
Preso o navio está,
Graças a *l'amiral*
De uma bravura sem igual!
E o *Aquidaban*
Logo pela manhan
Dispara um tiro... pan!
Que tiro bello!
Vence afinal
A revolta legal!
Viv' le brav'amiral
Custodio Mello!

III

Lucrou com isso a lavadeira
Pelas ceroulas que lavou...
Batalhar não é brincadeira
Como o Custodio batalhou!
A Candelaria foi ferida,
Porém o heróe sahio com vida,
E diz-lhe o irmão a soluçar:
— Ai, mano, vamos almoçar.
E o Custodinho vem,
Vem almoçar tambem;

Muda as ceroulas com afan,
 Abençoando o *Aquidaban*.
 E viva o Vinte e Tres
 Que o Custodinho fez,
 E viva o seu irmão
 Chronista da revolução !
 E viva o heróe
 Que as egrejas destróe
 E sae sem um dodóe,
 Valente e bello !
 Heroe ideal
 Que é Boulanger naval,
 Viv' le brav'amiral
 Custodio Mello !

FANTASIO.

DE PALANQUE

Desculpem os leitores : eu disse-lhes que o *De palanque* publicado no ultimo numero do *Album* era esporadico, e no emtanto cá está outro...

Que querem ? subi de novo ao meu palanque na tarde de sabbado 30 de Setembro, e só aquella rubrica deve encimar a narração e o commentario do que vi lá de cima.

*

Assisti ao renhido tiroteio que principiou ás duas horas pouco mais ou menos, entre as fortalezas da Lage, de Santa Cruz e de S. João de um lado, e o *Aquidaban*, a *Trajano*, o *Javary* e a *Guanabara* do outro.

Foram disparados uns quatrocentos tiros, que naturalmente custaram ao Thezouro meia duzia de contos de réis. Felizmente as balas cahiam no mar, levantando niveas columnas d'agua e produzindo d'esse modo um effeito agradável á vista... e ao coração. Não creio que morressem outras creaturas a não ser alguns innocentes peixinhos.

O *Javary* e a *Guanabara* deram poucos tiros — cinco ou seis, — mas o diabo do *Aquidaban* e o demonio da *Trajano* fartaram-se de fazer fogo. A artilharia era boa, mas os artilheiros podiam limpar a mão á parede.

Os melhores tiros — justiça é confessar — foram os da Lage. Um d'elles conseguiu molhar o convez do *Aquidaban* com a columna d'agua que ergueu.

*

Se não fosse o receio de me parecer com « o meu amigo Banana », eu notaria que é muito mais difficil atirar das fortalezas para os navios que dos navios para as fortalezas. Aquelles movem-se e estas não.

E a *Trajano* então saracoteava que nem uma serigaita na rua do Ouvidor. Mechia-se em todos os sentidos. O *Javary*, esse não sahia do logar aonde

o rebocaram. E' um velho paralytico, um estafermo que aonde vae lá fica. Mas dá cada tiro !

*

Durante todo o combate, que durou muito tempo, duas pequenas embarcações estrangeiras conservaram-se ao alcance das balas.

Malevolos disseram que esses dous humildes cahambeques desejavam arranjar um *pequeno* rombo para reclamar depois uma *grande* indemnisação. Não sei. O caso é que estiveram durante mais de duas horas entre dous fogos. Dous fogos?... que digo eu !.. entre sete fogos !...

*

No melhor da festa — se é que áquillo se póde chamar festa — cessou o combate, não á falta de combatentes, ccmo o do Cid, mas á falta de luz, pois cahio um espesso nevoeiro que encobrio completamente navios e fortalezas. Entretanto, passava apenas de quatro horas.

Dir-se-ia que a natureza, escandalizada por uma guerra entre irmãos, quiz passar um véo sobre aquella vergonha.

ELOY, O HERÓE.

MARINHA

Com o preamar começaram a entrar as lanchas, as velas arreadas e os homens aos remos, gemendo n'um côro unido, para o compasso das braçadas ; as proas empinavam-se na corvova de uma onda, como grandes baleias a espreitar, e vinham direitas á praia n'um desafio de regata. Eh ! Arriba agora ! Rangiam os toletes, e os remadores, de pés fincados, atiravam com os barcos na areia com uma ultima remada.

Lá nos longes, ainda branqueavam alguns pannos, n'um atrazo de bordo para o vento. O mar azulava como o céu, aquelle franjado de espuma e este ennodado de nuvens ; o ar salgado pela maresia enchia-se de luz, pando como a latina de chalupa, e vibrava de sons claros, rumorejados pelo mundo que esperava alli na costa, pescadeiras de voz cantante e fina, vendedeiras no ensaio de apregoar, com uma frescura de gritos limpidos. E as gaivotas cabriolavam os vôos em arcos de curvas, formando inflexões para a presa, desdobrando as azas n'uma fugida para o largo.

Eh ! Arriba agora ! arriba agora ! Ellas lá vinham entrando com o preamar, aquellas lanchas de pescadores, as velas arreadas e os homens aos remos, gemendo n'um côro unido, para o compasso das braçadas, Os barcos bojudos, como odres, repletos da pescaria de dous dias, traziam a sardi-

nha, muito peixe miudo, apanhado nas malhas da rede, bandos apprehendidos na sua carreira de migração. E o cavername desaparecia com o montão de escamas de prata, brilhando e rebrilhando ao sol, como um banho de metal derretido, movediço e espelhante.

Desde que se descortinaram as catraias na curva do mar, a nordeste, com uma multidão de azas brancas a esvoaçar, uma mulher de olhar fito para esse lado, a saia curta, dançante sobre as ancas, mãos no quadril e de lenço fluctuando por debaixo da canastra equilibrada, uma mulher morena de sol, estava alli, olhando para os barcos que abordavam. E lá chegava elle, ainda de costas, a remar, virando-se uma vez e outra para terra. Eh! arriba agora, arriba agora!

O rumor na praia ia n'um crescendo de ruidos; exclamações, risadas, chamamentos, tudo se misturava em torvelinhos pelo ar, e a maré-cheia, n'um frege-frege pela areia, harmoniava um acompanhamento, na viveza d'aquelle dia, abrindo os sons n'um clamor de immensa luz.

Elle veio ter com ella, e ficou-se defronte, carregando o cachimbo e a fallar-lhe de amor. Ella olhava-o nos olhos d'elle.

— Ouve, Maria, não se me dava que tu ficasses com o peixe fino, do escolhido para a Senhora dos Navegantes!

E as ondas alli a fabricar a renda do enxoval, por entre os seixos, por entre as conchas, por entre as algas.

ORTIGÃO SAMPAIO.

Novembro de 92.

TRIBUTOS E CRENÇAS

Bernardelli, meu velho, tem paciencia, vae tratando de apromptar a *maquette* da estatua do Rozendo Moniz.

Pois não é que um dos jornaes mais acreditados do mundo e o menos *blagueur* de Pariz, deitou artigo encomiastico sobre os *Tributos e crenças*, e disse que o Rozendo tem alguma coisa de Victor Hugo?

Duvidam? Pois vão alli ao Ferdinand, na travessa do Ouvidor, e procurem o numero do *Temps* de 7 de Setembro ultimo, 3^a pagina, 6^a columna, secção *Lectures étrangères*.

Mas não! não se deem a esse incommodo: o artigo é pequeno, — podemos transcrevel-o integralmente. Eil-o:

L'influence remarquable qu'a exercée et que continue à exercer l'œuvre de Hugo sur la littérature des Sud-Américains n'est point ignorée du petit nombre de ceux qui suivent avec quelque attention le mouvement littéraire des jeunes peuples latins d'outre-mer.

On pourrait presque dire que la poésie latino-américaine de cette dernière moitié de siècle procède surtout de notre grand poète et que les lettres françaises ont joué, dans l'évolution littéraire de ce monde nouveau, un rôle aussi grand que la littérature des anciennes mères-patries dont il a conservé la langue.

L'esprit qui inspire la généralité des productions des meilleurs auteurs hispano et luso-américains, les gallicismes dont elles fourmillent, la construction de la phrase souvent littéralement semblable à notre phraséologie, disent jusqu'à quel point ils sont imprégnés et saturés des œuvres de nos classiques et de nos modernes et combien l'évolution de leur langue est intimement liée à celle de la nôtre.

C'est là une raison, ce me semble, pour que l'œuvre intellectuelle des Latins d'Amérique ait droit à toute notre attention et à notre intérêt. Sans doute leur bagage littéraire est encore bien modeste comme volume, mais il est de valeur, et les productions remarquables que nos bons écrivains ne désavoueraient ni au point de vue de la pensée ni à celui de la forme n'y sont point rares.

Un poète que les Brésiliens ont placé parmi ceux qui leur font le plus honneur, M. Rozendo Moniz Barretto, nous en a apporté lui-même un nouveau témoignage, sous la forme d'un joli volume de vers portugais intitulé: *Tributos e Crenças*. (Tributs et Croyances), qu'il dédiait en 1891 à l'empereur dom Pedro en exil, et qui est un recueil de compositions détachées, d'une inspiration élevée et d'une belle facture.

M. Rozendo Moniz est le fils d'un brillant improvisateur, Moniz Barretto, dont l'Etat de Bahia révère la mémoire. C'est un hugolâtre. Le lyrisme puissant et superbe de Victor Hugo l'a séduit et fasciné lui aussi, et il est l'un des plus fervents disciples qu'ait eus le grand poète de l'autre côté de l'océan.

L'admiration qu'a éveillée Hugo chez les Latins d'Amérique a quelque chose d'approchant au fanatisme. C'est un sentiment explicable chez ces écrivains, pleins de l'exubérance méridionale, amis de la pompeuse métaphore, enclins à cet enthousiasme juvénile qui est le propre des peuples neufs, et sur lesquels enfin Hugo devait, par l'essence même de son génie, exercer une réelle fascination. Ils ont vu, en effet, dans ce chantre de la liberté, l'adversaire le plus puissamment éloquent, le plus véhémentement indigné qu'ait eu ce césarisme contre lequel ils luttent dans leurs incessantes révolutions. Son génie avait avec eux d'autres affinités encore. N'a-t-il pas cherché et trouvé ses plus riches et ses plus admirables inspirations dans les fastes de l'Espagne et des pays du soleil?

M. Rozendo Moniz est l'un de ces admirateurs enthousiastes. Sa première visite en arrivant parmi nous a été un pèlerinage au Panthéon, pour y saluer le tombeau de Victor Hugo, qu'il a, du reste, célébré dans ses *Tributos et Crenças*, entre autres, par un sonnet dont la traduction littérale que voici, à défaut de la forme, peut, en rendant exactement la pensée et l'expression, donner quelque idée de son talent:

L'imagination l'emportait vers les hauteurs prodigieuses.
Mais avant de les escalader pour atteindre la lumière immortelle,
Le nouveau Prométhée luttait, côte à côte avec l'humanité,
Contre la trahison et l'astuce couronnée.

Sa plume fut son arme; invincible, il l'opposa
A l'usurpateur triomphant.
Vrai apôtre de l'art et maître incomparable,
Il grandit, titan sublime, aux yeux de l'Europe éblouie.

De verre pour le faible et d'acier pour le fort!
Quel oracle du bien! Il rayonna
Comme un fanal divin, éclairant le chemin de la liberté.

« Quelle ascension triomphale! » dit la posterité.
Et il montait toujours, si bien que la mort
Lui fut le dernier échelon pour atteindre l'immortalité.

Um autre sonnet, non moins remarquable, est consacré à Thiers, libérateur du territoire français. En voici une version aussi littérale que possible :

Quand, engagée dans une lutte fatale,
La patrie de Bonaparte succombait,
Malgré tout un siècle de gloire,
Dans une heure de défaite, heure terrible :

Quand Paris, la victime admirable,
Se raidissait dans le cercle de fer du siège
Et que, pour comble de maux, l'anarchie,
L'horrible Commune, s'agitait en son sein !

Quand, par Bismarck et Moltke, la Prusse exaltée
Pesait dans la balance de l'arrogante victoire
L'or et le sol de la France envahie,

Seul un vaillant vieillard suffit à triompher
D'une semblable épreuve. Par la valeur de Thiers
La France fut défendue et sauvée.

Ces traductions ne donnent évidemment qu'une idée fort imparfaite de l'original. Elles suffisent du moins à montrer que l'auteur a quelque chose du souffle et de l'inspiration de celui qu'il s'est donné pour maître et pour modèle, et qu'il y a, de l'autre côté de l'Océan, des écrivains dont le cœur vibre à l'unisson de celui de notre pays, qu'ils appellent si volontiers leur patrie intellectuelle.

Vamos ver agora o que diz a *Revista dos dous mundos*.

X.

UM PLEBISCITO LITTERARIO

Acabo de receber a seguinte comunicação :

« Ao provector escriptor que se occulta modestamente no pseudonymo *Cosimo* conprimenta o abaixo assignado, e tem a hora de declarar o seguinte :

Li em o n. 39 do periodico o *Album* o interessante artigo intitulado *Um plebiscito litterario*, e a mim quer me parecer que nem *Cosimo* nem o distincto eleitorado do periodico a *Semana* trilharão a senda luminosa da consciencia e da justiça.

Concordando com *Cosimo* na parte em que opina que a eleição deveria recahir exclusivamente sobre os romances brasileiros, pois nada temos que ver com a litteratura dos outros paizes, submetto á sua consideração a seguinte lista, formulada segundo os dictames sagrados da minha consciencia :

Os seis primeiros romances brasileiros são :

1º a *Baroneza do Amor*, do fallecido Dr. Joaquim Manoel de Macedo, luminar illustre das letras patrias.

2º *Ouro sobre azul*, do esclarecido Sr. Visconde de Taunay.

3º *Gabriella*, do meu distincto amigo Sr. Dr. J. M. Velho da Silva.

4º o *Doutor Benignus*, do fallecido poeta Augusto Emilio Zaluar.

5º a *Má estrella*, do Sr. Commendador Felix Ferreira.

6º a *Virgem da Tapera*, do Sr. Dr. João Climaco Lobato.

Este é o juizo do abaixo assignado. — *Antonio Martins da Camara*.»

Está conforme.

COSIMO.

THEATROS

O Apollo e o Recreio tentaram reagir contra o actual estado de coisas, que afasta o publico dos theatros, e deram durante a semana, aquelle o *Abacaxi* e este os *Milagres de Santo Antonio*, o *Drama do povo*, *Mulheres em penca*, as *Guardas do rei do Sião*, etc.

Estão annunciados para hoje, sabbado, no Recreio o *Conde de Monte Christo*, e no Variedades o *Diabo coxo*, que sobe á scena, diz o programma, « com todo o esplendor da sua primitiva. »

*

Os artistas do Lucinda foram dar espectaculos em Petropolis, e a companhia portugueza do theatro D. Maria II regressou para Lisboa.

*

Dizem-nos que se acha de quarentena na lazareto da Ilha Grande uma companhia lyrica italiana — a companhia Sonzone, — que vem para o Polytheama. Está bem aranjada.

X. Y. Z.

Não temos recebido do nosso querido amigo e illustre collaborador Alfredo Bastos, que reside em Montevideo, a continuação do *Amor de primavera e amor de outomno*; por isso, os leitores do *Album* estão ha dous numeros privados da leitura d'esse interessante romance, que tanto lhes tem agradado. Contamos que não se demore muito a remessa dos respectivos autographos.